

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

ENTRE VALES E ESCARPAS. ESTUDO DA FAUNA RECUPERADA NA LAPA DA MOURAÇÃO (PORTO DE MÓS, LEIRIA)

Ana Beatriz Santos¹, Cátia Saque Delicado²

RESUMO

A gruta da Lapa da Mouração foi identificada nos inícios do século XX por António Santos Rocha. Nas recolhas de superfície efectuadas, foram recuperados inúmeros artefactos arqueológicos do Neolítico/Calcolítico e de época Romana. Dessas recolhas fazem igualmente parte os elementos faunísticos que aqui são apresentados. A fauna mamalógica revelou a presença de espécies domésticas (*Bos sp.*, *Ovis aries*, *Capra hircus* e *Sus domesticus*) e selvagens (*Sus scrofa*, *Cervus elaphus*, *Oryctolagus cuniculus* e *Capreolus capreolus*). Desta gruta provém ainda fauna malacológica exclusivamente de origem marinha (*Ruditapes decussatus*, *Pecten maximus*, *Mytilus edulis*, *Ostrea edulis*, *Cerastoderma edule*, *Pollicipes pollicipes*, *Balanus balanus*, *Patella candei*), utilizados para consumo humano.

Palavras-chave: Lapa da Mouração, Zooarqueologia, Estremadura Portuguesa, Vertebrados, Invertebrados.

ABSTRACT

The cave of Lapa da Mouração was identified at the beginning of the 20th century by António Santos Rocha. Numerous archaeological artifacts from Neolithic/Chalcolithic and Roman times were collected from the surface. This collection also include the faunistic elements presented here. The mammal remains revealed the presence of domestic (*Bos sp.*, *Ovis aries*, *Capra hircus* and *Sus domesticus*) and wild species (*Sus scrofa*, *Cervus elaphus*, *Oryctolagus cuniculus* and *Capreolus capreolus*). From this cave there are also malacological remains exclusively of marine origin (*Ruditapes decussatus*, *Pecten maximus*, *Mytilus edulis*, *Ostrea edulis*, *Cerastoderma edule*, *Pollicipes pollicipes*, *Balanus balanus*, *Patella candei*) used for human consumption.

Keywords: Lapa da Mouração, Zooarchaeology, Portuguese Extremadura, Vertebrates, Invertebrates.

1. INTRODUÇÃO

A gruta-necrópole da Lapa da Mouração foi visitada por Santos Rocha nos inícios do século XX (1907). No primeiro artigo sobre a cavidade, de sua autoria, denominou-a de *Caverna da Fórnea*, descrevendo a dificuldade morfológica de acesso ao local. Tendo permanecido um pouco esquecida no registo arqueológico, em 1991, aquando da realização da Carta Arqueológica do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (Araújo & Zilhão, 1991) foi-lhe atribuído o nome pela qual é frequentemente conhecida: Lapa da Mouração.

Santos Rocha indica que na primeira sala os mate-

riais cerâmicos neolíticos e romanos se misturavam com restos de esqueletos de humanos e de animais e que os mesmos se estendiam para o interior da gruta, principalmente na terceira sala. O autor menciona ainda a presença de acumulações de carvões vegetais e cascalho lamentando o remeximento estratigráfico causado “(...) com o fim de colher os depósitos mortuários. Não se explica d’outro modo o desaparecimento dos esqueletos humanos e do mobiliário funebre (...)” (Rocha, 1907, p. 147).

Relativamente aos materiais recuperados não existem publicações sobre os mesmos, apenas a indicação da presença de cerâmica neolítica, objectos em osso, um núcleo em quartzo hialino e um elemento

1. absantos5986@gmail.com

2. delicadocs@gmail.com

em xisto. De época romana parece igualmente existirem elementos cerâmicos e telhas (Rocha, 1907, p. 147-149).

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

A Lapa da Mouração encontra-se em pleno Maciço Calcário Estremenho (MCE) na área do Poldje de Alvados, junto do vale encaixado formado pelo rio Lena. Nas proximidades é possível encontrar o anfiteatro natural da Fórnea, com cerca de 260 metros de altitude, que corresponde a um recuo pronunciado de uma zona baixa, para o interior de um planalto calcário (Chão das Pias – Serro Ventoso) até Alcaria. Este terá resultado de uma evolução geomorfológica local, condicionada por falhas transversas aos falhamentos Noroeste – Sudeste de Alvados – Alcaria. A água da chuva e as exurgências temporárias existentes nas vertentes da Fórnea, dispostas de forma semicircular e de carácter temporário, são consideradas responsáveis pela formação do anfiteatro. No interior da Cova da Velha, uma cavidade localizada a meia encosta da Fórnea, existe uma exurgência que alimenta o ribeiro da Fórnea.

A área em questão é maioritariamente constituída por espessas acumulações de margas calcárias e calcários margosos do Jurássico Inferior a que se sobrepõem calcários do Jurássico Médio. A geologia e orografia local propiciaram o surgimento de dolinas, uvulas, campos de lapiás e algares, como é o caso da Lapa da Mouração. Existe na base da Fórnea também um povoado pré-histórico e a meia encosta uma outra gruta-necrópole Neo-Calcolítica, a Cova da Velha (Figura 1).

Nas proximidades existem diversos contextos arqueológicos tanto do 4º e 3º milénios a.n.e., como de época Romana. Uma observação territorial permite notar uma grande existência de enterramentos do Neolítico e Calcolítico em contextos de gruta. Na área do Maciço Calcário Estremenho são conhecidas 32 necrópoles em contexto de gruta mas apenas quatro nas imediações da Lapa da Mouração (três em gruta (figura 1 – 3, 4 e 5) e um contexto de tipologia indefinida (figura 1 – 2). São também conhecidos vestígios de época Romana em ambientes cavernícolas como é o caso das grutas da Buraca da Moura da Rexaldia, gruta da Nascente do Almonda, algumas grutas do Carvalhal de Aljubarrota e Lapa da Mouração (ver figura 1 – 1, 6, 7 e 10). No entanto, existem outros contextos de época Romana bem in-

dividualizados como áreas de habitação e *villae* que se desenvolvem preferencialmente nas áreas mais baixas do MCE.

No caso da Lapa da Mouração, ao contrário da gruta da Nascente do Almonda, não se encontra ainda bem definido o tipo de ocupação Romana que ali terá ocorrido. Sabe-se que surgiram algumas cerâmicas e *tegulae* que se poderão relacionar com a proximidade à *villae* de Falsa de Alvados ou vestígios de superfície do Escorial. A falta de publicações, estudos e dados sobre estes locais não nos permite tecer muitas conclusões acerca da realidade terrena.

3. ESTUDO FAUNÍSTICO

As recolhas de materiais arqueológicos e restos osteológicos, antropológicos e faunísticos, constituem segundo Santos Rocha, recolhas de superfície sem indicação de proveniência de camadas.

Analisados os dezasseis contentores foi possível verificar a existência de fauna malacológica e mamalógica. Embora em pouca quantidade, a presença de moluscos marinhos numa área significativamente afastada da costa Atlântica e de elevado relevo é significativa. É interessante verificar a numerosa quantidade de restos faunísticos encontrados no interior da cavidade, de animais, maioritariamente de origem doméstica, já que, o acesso à mesma não se encontra facilitado pelo terreno e relevo local.

O leque de animais identificados enquadra-se dentro do que é conhecido para o período Neolítico e Calcolítico (Valente, 2016), no entanto, como já referido, não é possível determinar com exactidão o período cronológico de que provêm.

Foi identificada a presença de gado caprino (ovelha e cabra), gado bovino (em menor escala) e suíno (javali e porco doméstico). As actividades cinegéticas estão representadas pela presença de veado, corço, javali e coelho. Foi ainda identificada a presença de um cão adulto e de camurça (fauna plistocénica).

Sendo um conjunto constituído por 370 restos determinados, no total foram registadas marcas em 23 ossos, relacionadas com incisões, acção de carnívoros, roedores, fogo e erosão (muito provavelmente relacionada com a ingestão desse mesmo osso).

Relativamente aos restos de fauna malacológica, de um conjunto de 150 elementos contabilizados, foi possível determinar a espécie de 118. As espécies presentes são a amêijoia-boia (*Ruditapes decussatus*), vieira (*Pecten maximus*), ostra (*Ostrea edulis*), per-

ceve (*Pollicipes pollicipes*), berbigão (*Cerastoderma edule*), mexilhão (*Mytilus edulis*), lapa (*Patella candei*) e bolota do mar (*Balanus balanus*).

3.1. Metodologia

Foram inventariados os restos faunísticos vertebrados e invertebrados e sendo contabilizadas todas as partes do esqueleto, inclusive as que não permitem identificação da espécie.

A identificação taxonómica teve como base o Atlas de osteologia animal de Schmit (1972) e as colecções de referência do Laboratório de Arqueociências da Direcção Geral do Património Cultural (LARC-DGPC). Tal como definido em Valente (1997), o Número de Restos Determinados (NRD) foi usado para quantificar os restos identificados taxonómica e morfologicamente e o Número Mínimo de Indivíduos (NMI) foi calculado segundo os critérios pré-estabelecidos para cada elemento ósseo.

Para a análise referente ao desgaste dos dentes, foram utilizadas as escalas de padrões de desgaste publicadas por Grant (1982) para os suídeos e bóvidos e as escalas de Payne (1987) para caprinos.

Relativamente aos invertebrados, foram apenas registados os fragmentos com tamanho superior a 0,5 cm, referindo se se tratava de um elemento de charneira, apex ou de um fragmento. Utilizou-se a monografia de Macedo (1996) para a identificação dos moluscos de origem marinha. Foi tida em conta a lista de nomes atribuídos às espécies aceite pela World Register of Marine Species (WoRMS) consultada através da <URL: <http://www.marinespecies.org/index.php>>.

O Número Mínimo de Indivíduos (NMI) foi calculado através da quantificação de elementos não repetidos (umbo e charneira no caso dos bivalves, e espira, abertura e a columela no caso dos gastrópodes). O grau de fragmentação do conjunto apresenta alguma desigualdade entre o Número de Restos Determinados (NRD) e NMI. Foram registadas as possíveis alterações de superfície das conchas (natural ou antrópica) (e.g. carbonização).

3.2. Fauna Malacológica

Todos os elementos malacológicos determinados pertencem a ambientes marinhos tendo sido à época, facilmente recolhidos ao longo da costa atlântica Portuguesa, as mesmas consideradas espécies autóctones. O estudo dos invertebrados permite perceber as estratégias de subsistência, hábitos ali-

mentares e dinâmicas sociais relacionadas com os variados usos atribuídos às conchas, nomeadamente enquanto pendentes, pulseiras e contas ou mesmo como recipientes destinados a práticas rituais (Valera & Lino, 2016/2017, p. 191).

A lapa (*Patella*), o mexilhão (*Mytilus edulis*), a bolota do mar (*Balanus sp.*) e o perceve (*Pollicipes pollicipes*) são espécies relativamente próximas no sentido em que, provêm e coexistem em áreas rochosas intermarés, que acabam por ficar a descoberto possibilitando a sua recolha (Macedo, 1996, p. 69, 133). Foi possível determinar a espécie a que o exemplar de *Patella* pertencia, neste caso a família *candei*, que indica a proveniência do exemplar de águas próximas no Norte de África (Arquipélago dos Açores, Madeira, ilhas Canárias e Cabo Verde), atestando assim trocas entre populações. Também com espécie identificada *Mytilus edulis* e *Pollicipes pollicipes* indicam a recolhas dos mesmos na costa litoral portuguesa. O berbigão (*Cerastoderma edulis*) e a amêijoia-boia (*Ruditapes decussatus*) podem ser recolhidos tanto em ambiente de praia abaixo de uma fina camada arenosa da zona intermarés, como em rias, esteiros, zonas de águas salobras e estuários (Macedo, 1996, p. 146). A ostra (*Ostrea edulis*) e a vieira (*Pecten maximus*) podem ser igualmente recolhidas na zona intermarés, no entanto, pertencem a camadas arenosas mais profundas (Macedo, 1996, p. 139 e 142) (Tabela 1).

Bivalves marinhos	NRD	NMI
<i>Ruditapes decussatus</i>	95	11
<i>Pecten maximus</i>	2	1
<i>Mytilus edulis</i>	2	1
<i>Ostrea edulis</i>	4	1
<i>Cerastoderma edule</i>	12	10
Crustáceos		
<i>Pollicipes pollicipes</i>	1	1
<i>Balanus balanus</i>	1	1
Gastrópodes marinhos		
<i>Patella candei</i>	1	1
Total	118	27

Tabela 1 – Número de Restos Determinados (NRD) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI) das espécies de moluscos identificados na Lapa da Mouração.

O número de invertebrados é reduzido não traduzindo de forma alguma a subsistência da população, mesmo que tenha existido uma ocupação temporá-

ria do local por comunidades Neo-Calcolíticas ou Romanas.

No caso de dois fragmentos de valva plana de *Pecten maximus* (possivelmente do mesmo indivíduo) é possível afirmar que a circulação/transporte desta foi feita de forma intencional, para o consumo do molusco em si e não exclusivamente pela concha, de forma oposta ao que acontece nos Perdígões onde se encontrou a valva convexa (não detentora do molusco) (Valera & Lino, 2016/2017, p. 197).

Na Lapa da Mouração reconhece-se a presença exclusiva de invertebrados de ambientes marinhos/estuarinos (ver Tabela 1), denunciando importações transregionais, muito provavelmente relacionadas com o papel simbólico conferido a estes elementos. Apesar de o conjunto arqueológico ainda não ter sido estudado é conhecida a utilização de conchas para a realização de elementos de adorno (contas, pulseiras ou pendentives) em contextos arqueológicos com as mesmas cronologias, não só no MCE. Embora muitas vezes não seja possível determinar a espécie sobre as quais foram elaboradas, como acontece no hipogeu das Lapas (contas sobre concha e vértebras de peixe) e Buraca da Moura da Rexaldia (contas sobre concha) (Delicado, 2016, p. 70), noutros casos, como nas grutas da Senhora da Luz (Rio Maior) ou Algar do Barrão (Alcanena), foi possível determinar a presença de *Dentalium sp.* e *Glycimeris glycimeris* para a elaboração de contas de colar e pulseira, respectivamente (Cardoso, Ferreira & Carreira, 1996, p. 236; Carvalho, Antunes-Ferreira & Valente, 2013). No conjunto malacofaunístico não foram detectadas perfurações efectuadas por predadores ou de origem antrópica.

Os moluscos exclusivamente marinhos denunciam contactos directos ou indirectos com a linha de costa mais próxima (a cerca de 24km até à Nazaré), áreas estuarinas e de rias, mas também contactos com populações da área do Norte de África. A recolha poderia ter sido efectuada pelos utilizadores do sepulcro ou mediante redes de troca com comunidades com assentamentos localizados mais próximos dos locais de aprovisionamento ou até mesmo elementos singulares. Destaca-se no conjunto um fóssil de amêijoia-boia, tendo-lhe sido atribuído muito provavelmente apenas um valor simbólico. Na área do MCE não existem outros estudos referentes a malacofauna dentro das mesmas cronologias.

4. FAUNA MAMALÓGICA

A fauna de vertebrados recuperada na Lapa da Mouração inclui um espectro diversificado de mamíferos. Segundo o número mínimo de indivíduos contabilizam-se 37 mamíferos (Gráfico 1).

4.1. Animais domésticos

4.1.1. Gado bovino (*Bos sp.*)

A presença de gado bovino apresenta um fraco destaque segundo a informação obtida através do número de restos determinados para a espécie (NRD = 34 – Gráfico 1). Foi registada a presença de dois indivíduos distintos, confirmada pelo número de falanges (um adulto) e tíbias (um juvenil). A presença de um indivíduo juvenil foi atestada pela existência de uma tíbia ainda não fundida, indicando que este juvenil teria uma idade inferior a 18 meses (idade de fusão entre os 18 e os 30 meses) (Moreno-García & Sousa, 2015, p. 116). É provável que os animais tenham sido mortos e desmanchados num outro local e levados apenas os elementos de maior interesse. Foram registadas apenas marcas de corte em ossos de adulto (astrágalo, calcâneo, metacarpo e carpo) indicando uma preferência pelos membros anteriores e posteriores para consumo. No caso do indivíduo juvenil não existem marcas de corte, mas pelo osso em questão, também o membro anterior terá sido levado para a gruta para consumo.

Pelo desgaste dentário acentuado, o adulto, apesar de ser um animal de dimensões relativamente reduzidas, foi abatido pela carne mas não sem antes ter fornecido diversos produtos secundários como leite ou tracção animal antes do seu consumo efectivo. As reduzidas dimensões dos animais podem estar relacionadas com a zona de habitat e as pressões exercidas em lugares de altitude, como são os lugares montanhosos e nomeadamente o Maciço Calcário Estremenho. Em época Neo-Calcolítica a frequência de *Bos sp.* não é muito abundante em necrópoles (Valente, 2016). Em época romana, a presença desta espécie está atestada, com maior ou menor abundância, em sítios como o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), a Casa do Governador (ambos em Lisboa), o Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira), a Quinta das Longas (Elvas), a Alcáçova de Santarém, Castro Marim e no Monte Molião (Lagos) (Valenzuela-Lamas, 2014; Santos *et alii*, no prelo; Cardoso & Detry, 2005; Davis, 2006;

Davis, 2007; Detry & Arruda, 2013), entre outros. Eram animais utilizados maioritariamente para trabalho, sendo somente depois consumidos.

4.1.2. Gado caprino (*Ovis aries* e *Capra hircus*)

Das primeiras espécies a serem domesticadas, as ovelhas e as cabras, apesar de semelhantes, produzem produtos distintos, podendo-se obter maior quantidade de produtos secundários a partir das ovelhas do que das cabras, tornando-as mais desejáveis (Simon, 2016, p. 36-37). No entanto, as cabras produzem mais leite, prosperam em zonas mais secas e montanhosas e requerem menos cuidados. Um estudo de Orlando Ribeiro (1995) indicou que em terras de bons pastos a frequência de ovelha é superior à de cabra, e a de cabra superior em zonas de terras com pobres pastos e pedregosas (Simon, 2016, p. 37). Neste caso, não foi possível diferenciar todos os elementos ósseos, no entanto, aqueles que o permitiram, revelaram a presença de cinco ovelhas (três adultas e duas juvenis) e uma cabra (adulta). A totalidade de ossos cuja espécie não foi possível determinar, indicam a presença de cinco caprinos adultos, um sub-adulto e dois juvenis. Os dados não são suficientemente conclusivos para confirmar se também na Lapa da Mouração se mantém a tendência da presença de cabras em lugares de montanha.

A presença de cabra apenas foi determinada por um chifre e uma tíbia (NRD= 3 – ver Gráfico 1). Os elementos identificadores de ovelha são bem mais abundantes contando com um número de 13 restos determinados.

No Neolítico médio, no MCE, os exemplares de cabra são claramente superiores aos de ovelha, no entanto não existem dados concretos para o Neolítico final na região. Na baixa Estremadura onde predominam os grandes povoados como Leceia e Penedo do Lexim, está demonstrada a prevalência de ovelha sobre cabra (Valente, 2016, p. 96), no entanto o que acontece em ambientes de gruta ainda se encontra mal determinado.

O mesmo acontece no período romano, onde os contextos de gruta se encontram ainda pouco estudados ou por publicar. No entanto, a presença de caprinos está comprovada em outros sítios, como no Monte dos Castelinhos (Santos *et alii*, no prelo), no NARC (Valenzuela-Lamas, 2014), Castro Marim (Davis, 2007) e no Monte Molião (Detry & Arruda, 2013), onde podemos constatar que, à exceção de Castro Marim, as ovelhas são mais numerosas que

as cabras, indo ao encontro do que se verifica nos grandes povoados Neo-Calcolíticos Estremenhos. Salienta-se ainda a presença de um exemplar de *cf. Rupicapra pyrenaica* (camurça dos Pirenéus) representado por um fragmento de rádio e tíbia (ver Figura 2 e 3). A presença deste caprino proveniente da região montanhosa dos Pirenéus, remete para a possibilidade de camadas arqueológicas do Paleolítico superior, uma vez que por enquanto só nestas são conhecidas em contextos portugueses, como acontece na gruta do Caldeirão (Tomar) (Davis, 2002) (Figura 2).

4.1.3. Gado suíno (*Sus domesticus*)

A distinção entre porco doméstico e selvagem nem sempre é fácil de efectuar, porém, no caso da Lapa da Mouração, esta diferenciação foi possível. O número de restos determinados não é muito elevado (NRD = 105), no entanto foi permissível determinar a presença de sete indivíduos (quatro adultos, um sub-adulto e dois juvenis).

A presença de quatro adultos foi determinada com base no número de falanges II e dentição (M_3). Também através do número de falanges II e de um fragmento mandibular com M_1 e M_2 (sem M_3 ou indícios da sua breve erupção) se registou um sub-adulto (cuja linha de fusão já se encontrava visível). A existência de dois juvenis foi determinada pela presença de três fémures ainda não fundidos e duas mandíbulas esquerdas com dentição de leite (dP_2/dP_3). No conjunto foram determinados outros ossos ainda não fundidos (e.g. um úmero, um rádio, uma ulna, uma escápula, uma falange I e II e calcâneo direito e esquerdo), mas só os três fémures denunciaram a presença de dois indivíduos juvenis.

Perante os dados osteológicos e dados para as idades de fusão, é possível estimar que o indivíduo sub-adulto teria aproximadamente entre os 15 e os 17 meses de idade (falange II com linha de fusão visível e fragmento mandibular apenas com M_1/M_2 nascidos) e os juvenis uma idade superior aos 4 meses e anterior aos 30 meses (fusão do fémur entre os 30 e os 42 meses) (Cardoso & Detry, 2001 p. 147; Moreno-García & Sousa, 2015, p. 73). Os quatro adultos, determinados através da presença de quatro mandíbulas direitas possuidoras de M_3 e com desgaste ligeiro, indicam a presença de quatro indivíduos entre os 18 e os 22 meses, segundo o desgaste dentário.

O desgaste dentário segundo os parâmetros definidos por Grant (1982), apresenta-se entre “e” e “g”,

sendo este um indicador etário para indivíduos entre os 16 e os 22 meses de idade, segundo Albarella (Albarella & *alii*, 2005, p. 31).

Os dados métricos efectuados para os elementos dentários M_1/M_2 e M_3 , apresentam um panorama semelhante ao povoado de Leceia, sugerindo estarmos na presença de porco doméstico. As métricas dos molares de suíno são as menos afectadas pelo dimorfismo sexual, particularmente a largura do M_3 . Os valores obtidos para a Lapa da Mouração enquadram-se nos intervalos métricos obtidos para Leceia (M_1 – entre os 15 e os 19 mm de comprimento e os 9 a 12 mm de largura; M_2 – entre os 18 e os 24 mm de comprimento por 12 a 15 mm de largura; M_3 – entre os 27 a 42 mm de comprimento e os 13 a 19 mm de largura) (Albarella & *alii*, 2005, p. 35), onde não existe praticamente javali. Os valores obtidos tanto para dentes soltos como para conjuntos de dentes com inserção mandibular, apresentam uniformidade métrica com os dados de Leceia.

Foram detectadas algumas marcas presentes nos ossos, nomeadamente de fogo e acção de carnívoros (ver Tabela 2). As marcas de fogo indicam que os ossos não terão sido submetidos a altas temperaturas (coloração negra), portanto, compatível com a hipótese de terem sido cozinhados para consumo, tratando-se essencialmente dos membros anteriores/posteriores. A acção de carnívoros no sepulcro foi evidenciada através de marcas de dentes num astrágalo e de uma falange I com a superfície alterada devido à sua ingestão por um outro animal.

Os suídeos encontram-se presentes em quase todos os contextos do período romano, sendo abatidos por norma ainda em tenra idade, já que não fornecem produtos secundários. Eram também sacrificados em rituais de *suovetaurilia* (Costa, 2011, p. 576), juntamente com bovídeos e caprinos. (Tabela 2).

	Cortes	Carnívoros	Roedores	Erosão	Fogo
<i>Bos sp.</i>	4				
Caprinos	2	1	2		1
<i>Sus domesticus</i>		1	1		4
<i>Cervus elaphus</i>	3		1	1	2

Tabela 2 – Dados referentes às marcas verificadas nos ossos.

4.1.4. Cão (*Canis familiaris*)

Foi registada a presença de um cão com base na ocorrência de uma tibia e uma falange I já fundidas, indicando que o animal seria adulto. O estado de ligação das epífises proximais e distais da tibia permitem fazer uma estimativa aproximada à morte do animal. Neste caso, apenas a epífise proximal estava presente, indicando que este teria mais de 18 meses (1,5 anos) (Moreno-García, 2003). Sobre este exemplar não existem mais informações, no entanto, em território nacional é conhecida a presença de outros cães em contexto do final do 4º e inícios do 3º milénio, já mencionados pelas autoras (Delicado *et alii*, no prelo). Em período romano, o registo desta espécie nos contextos publicados é frequente.

4.2. Actividades cinegéticas

As actividades cinegéticas apesar de recorrentes ao longo dos diversos períodos cronológicos têm maior destaque no neolítico antigo, como aliás é fácil de perceber, nos inícios da domesticação de gado bovino e caprino, perdendo importância principalmente no Neolítico final estremenho. Os animais frequentemente presentes em contexto arqueológico, mais facilmente associáveis a actividades de caça são o coelho e o veado. No caso da Lapa da Mouração conta-se com a presença de coelho (*Oryctolagus cuniculus*), veado (*Cervus elaphus*) e corço (*Capreolus capreolus*).

4.2.1. Coelho (*Oryctolagus cuniculus*)

Os abundantes restos de coelho são indicadores da exploração deste animal, sendo perceptível que por fornecerem menos quantidade de carne, devem ser avaliados de uma outra forma. A sua interpretação deve ser efectuada de forma qualitativa uma vez que testemunham a variedade de recursos faunísticos consumidos. Por outro lado, a análise a esta espécie tem de ser feita cautelosamente já que a sua presença pode oferecer muitas dúvidas quanto à sua origem, nomeadamente natural, actividade predatória ou actividade antrópica (Valente, 2016).

Foram determinados 73 restos de coelho, que se traduziram num número mínimo de 11 indivíduos determinados pelo número de pélvis (tanto direitas como esquerdas apresentavam-se na mesma quantidade). Nenhum dos ossos de coelho apresentava marcas de corte ou evidência de fogo, não significando isto, que o animal não pudesse ter sido consumido. Ao longo de todos os períodos cronológicos

a presença de coelho é uma constante em ambiente arqueológico, principalmente em contexto de gruta (e.g. elevado número de restos da gruta do Caldeirão) (Rowley-Cowny, 1992; Davis, 2002).

4.2.2. Javali (*Sus scrofa*)

Embora a diferenciação entre javali e porco doméstico não seja uma tarefa fácil de executar, existem algumas diferenças morfológicas entre espécies. Os elementos de porco doméstico estudados não forneceram dúvidas quanto à sua espécie, principalmente quando comparados com Leceia, como já referido. No entanto, foram determinados três restos de javali (ulna, escápula e falange I), todos fundidos (de dimensões claramente superiores aos elementos de porco doméstico).

No neolítico antigo a distinção entre ambas as espécies ainda parece ser possível de determinar, no entanto, nos momentos seguintes após a introdução da agricultura e consequente domesticação e criação de animais (ovelha, cabra, boi e porco), a diferenciação entre ambos torna-se difícil de aferir não só pelas variações métricas, mas também pelo desconhecimento do estado de domesticidade da espécie. Em contextos de habitat do Neolítico final e Calcolítico, como em Leceia, a distinção ainda é dúbia ao contrário do que acontece no Zambujal (Torres Vedras). Na fossa 1 dos Perdigões, verifica-se apenas a presença de javali (Costa, 2013).

O mesmo acontece no período romano, onde as medidas de javali e de porco muitas vezes se sobrepõem, já que o javali peninsular tende a ser pequeno (Albarella *et alii*, 2005), não sendo muitas vezes a distinção entre ambas as espécies conseguida. Ainda assim, na Quinta das Longas foi registada a presença de javali (NRD = 11) e de porco (NRD = 108) (Cardoso & Detry, 2005).

4.2.3. Veado (*Cervus elaphus*)

Constituindo uma fonte de proteína considerável, a evidência de caça de veado em contextos arqueológicos não é desconhecida. A sua frequência será obviamente variável em função da quantidade de gado doméstico. No Neolítico antigo e médio do abrigo da Pena d'Água e Costa do Pereiro (Torres Novas) (Valente, 2016, p. 90, 93, 96), o registo de veado é superior a qualquer outra das espécies presentes. No Neolítico final a crescente frequência de consumo de gado suíno e caprino sobrepõe-se na maior parte dos casos à presença de veado (pelo menos em contexto

de habitat). Em necrópoles ou acampamentos temporários a questão ainda é desconhecida, excluindo o caso da fossa 1 e fosso 9 dos Perdigões, onde a prevalência de veado se mantém.

Em época Romana, a presença de veado é frequente. No sítio do Monte dos Castelinhos (Santos *et alii*, no prelo), por exemplo, o número de restos de veado é bastante elevado (NRD = 102). Este sítio é mais interior, com densos arbustos e de utilização esporádica. O contrário acontece no NARC (Valenzuela-Lamas, 2014), onde se registam apenas 17 NRD, sendo este um sítio de cariz industrial e fabril, onde a presença destes animais seria de mais difícil acesso.

Na Lapa da Mouração foi identificado um adulto e um sub-adulto (cujos dois fémures e tibia ainda não se encontravam fundidos).

De forma semelhante ao que acontece com os restos de bovino, também os veados identificados, neste caso o adulto, não é um animal de grandes dimensões. Provavelmente porque se poderá tratar de uma fêmea ou pelas questões já abordadas relacionadas com a pressão altimétrica. No entanto não existem dúvidas que o animal adulto foi caçado uma vez que evidenciava uma marca incisa num astrágalo e num úmero. O úmero apresentava ainda marcas de roedura provocadas por um carnívoro.

4.2.4. Corço (*Capreolus capreolus*)

A presença de corço em sítios arqueológicos portugueses pode ser considerada comum, uma vez que é uma espécie autóctone que habita preferencialmente áreas de floresta. Foram identificados quatro restos indicadores da presença de um indivíduo do sexo masculino através da recolha de uma haste. O rádio e astrágalos (direito e esquerdo) estavam fundidos indicando a presença de um adulto. Em relação ao chifre, estes caem nesta espécie de cervídeo todos os outonos, para voltarem a crescer maiores, de acordo com a idade do animal em época de reprodução (primavera). O tamanho do chifre indica que este animal teria mais de dois anos de idade.

Foram também recolhidos exemplares de corço na gruta do Caldeirão (Tomar) (Neolítico médio e final), Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira) e na Alcáçova de Santarém (Época Romana) (Valente, 2016, p. 90, 93; Santos *et alii*, no prelo; Davis, 2006).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa lembrar que esta análise foi efectuada sem uma base cronológica relativa atribuída às camadas com base nos materiais. Trata-se, portanto, de uma análise e interpretação do que foi efectivamente encontrado comparando o conjunto a ambientes semelhantes do Neolítico/Calcolítico e época Romana. Os dados apresentados só são passíveis de serem comparados com contextos semelhantes.

Já havia sido mencionado que as investigações zooarqueológicas referentes ao Neolítico começaram relativamente mais tarde do que as investigações sobre as mesmas de outras épocas (Valente, 2016), no entanto, também as investigações faunísticas do mundo romano se centram em *villae* e *civitas*. A realidade é que o número de achados romanos em gruta não é muito frequente e por esse motivo, não existem praticamente estudos sobre a temática.

Neste sentido os dados forneceram algumas hipóteses/questões:

1. O elemento de *cf. Rupicapra pyrenaica* (camurça dos Pirenéus) (fauna plistocénica) poderá ser indicador de camadas mais antigas que remetem para uma utilização do Paleolítico superior, ainda desconhecidas, uma vez que o sítio não foi totalmente escavado. No entanto a presença deste animal é conhecida noutros contextos arqueológicos estremenhos portugueses;
2. A possuírem os restantes ossos uma cronologia Neo-Calcolítica, significaria que o lugar não teria tido apenas uma utilização funerária, mas também uma ocupação “habitacional” temporária, provavelmente na primavera/verão, tendo em conta a idade de abate de alguns dos animais identificados. O estudo de materiais poderá fornecer algumas luzes neste aspecto;
3. Poderiam ter existido quatro utilizações distintas? Uma fase correspondente ao Paleolítico superior; uma segunda aos enterramentos, em época Neolítica; uma terceira fase, em que algum grupo ou elemento individual que se deslocava entre áreas (Neo-Calcolítico?) se acomodou na gruta, caçando alguns animais e consumindo outros oferecidos por comunidades próximas ou trazidos por si? E uma quarta fase de época Romana ainda de natureza indeterminada (?). As telhas romanas presentes seriam para a realização de um enterramento? Conhece-se a utilização funerária de grutas também em época Ro-

mana, no entanto, Santos Rocha afirmava que as tumulações eram neolíticas. Corresponderá isto à realidade? Não se sabem bem os contornos que o levaram a afirmar isto, no entanto o autor também menciona a presença de loiça romana que, também eventualmente, e segundo o conhecimento sobre o registo arqueológico, poderia servir de oferta votiva aos defuntos deste período.

Relativamente às espécies identificadas, destaca-se a superior presença de ovelha sobre cabra, com o consumo de indivíduos adultos e juvenis. Foi igualmente verificada a presença de porco doméstico e javali, revelando o recurso às actividades cinegéticas a par do consumo de animais domésticos. A exploração dos recursos secundários oferecidos por estes animais deverá ter sido aproveitada por esta ou por outras comunidades. Terão sido aproveitadas não só ovelhas e cabras mas também o gado bovino, não só para obtenção de leite, mas também lã, couro, tração animal, e por fim, a sua carne. O recurso à caça parece andar a par com a presença de animais domésticos. O veado, o coelho e o javali seriam os alvos preferidos para consumo. O porco, não oferece efectivamente produtos secundários, no entanto, o seu rápido período de gestação e rápido crescimento, facilita a sua criação permitindo um maior consumo da sua carne, mesmo de indivíduos juvenis como se pôde verificar.

O aproveitamento de recursos marinhos encontra-se igualmente representado. Preferencialmente utilizados para consumo humano, as conchas destes invertebrados acabavam por ser reutilizados para a realização de contas, pendentes ou até mesmo pulseiras nos finais do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e. conhecidas um pouco por todas as necrópoles deste período.

A relação entre homem-animal tem vindo a ser cada vez mais explorada. Neste caso, não se conhece o motivo da presença de um canídeo na gruta (votivo ou comensal?), embora se destaque uma especial relação entre as duas espécies.

Espera-se que o estudo dos materiais possa fornecer mais informações sobre o tipo de utilização conferida à Lapa da Mouração.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à equipa do LARC (Laboratório de Arqueociências) da DGPC (Direcção Geral do Património Cultural) que nos deu acesso à colecção de referência, para podermos tirar dúvidas de classificação.

BIBLIOGRAFIA

- ALBARELLA, Umberto; DAVIS, Simon; DETRY, Cleia; ROWLEY-CONWY, Peter (2005) – Pigs of the “Far West”: the biometry of *Sus* from archaeological sites in Portugal. *Anthropozoologica*. Paris. 40:2, pp. 27-54.
- ARAÚJO, Ana Cristina; ZILHÃO, João (1991) – Arqueologia do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. *Estudos*. Lisboa. 8.
- CARDOSO, João Luís; DETRY, Cleia (2001) – Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado Pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, pp. 131-182.
- CARDOSO, João Luís.; DETRY, Cleia (2005) – A lixeira baixoimperial da villa da Quinta das Longas (Elvas): análise arqueozoológica e significado económico-social. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 369-386.
- CARDOSO, João Luís; FERREIRA, Octávio da Veiga; CARREIRA, Júlio Roque (1996) – O espólio das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, pp. 195-256.
- CARVALHO, António Faustino; ANTUNES-FERREIRA, Nathalie; VALENTE, Maria João (2013) – A gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 101-119.
- COSTA, Cláudia (2011) – A fauna mamalógica da villa romana das Almoinhas (Loures). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 1, pp. 561-589.
- COSTA, Cláudia (2013) – *Tafonomia em contexto pré-histórico. A zooarqueologia como recurso para a compreensão das “estruturas em negativo” da Pré-História Recente*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Vols. 2.
- DAVIS, Simon (2002) – The mammals and birds from the Gruta do Caldeirão, Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 29-98.
- DAVIS, Simon (2006) – Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 43, pp. 144.
- DAVIS, Simon (2007) – The mammals and birds from the Iron Age and Roman periods of Castro Marim, Algarve, Portugal. *Trabalhos do CIPA*. Lisboa 107.
- DAVIS, Simon (2016) – Hacia una distinción métrica entre los astrágalos de oveja y cabra. In Lloveras Lluís; Rissech Carme; Nadal Jordi; Füllola Josep Maria (eds.) – *What bones tell us. El que ens expliquen els ossos*. Monografies del SERP 12, Universitat de Barcelona, pp. 35-58.
- DELICADO, Cátia Saque (2016) – *Agruta artificial das Lapas (Torres Novas)*. *Contributo para o conhecimento das práticas funerárias dos 4º e 3º milénios a.n.e. na Estremadura Portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. 2 Vols.
- DELICADO, Cátia Saque; SANTOS, Ana Beatriz; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel; DETRY, Cleia (no prelo) – Alto de Brinches 3 (Serpa): estudo da fauna recuperada nos contextos do 3º e 2º milénios a.n.e. *Cadernos do GEEvH*. 6.
- DETRY, Cleia; ARRUDA, Ana Margarida (2013) – A fauna da Idade do Ferro e Época romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15:2. pp. 15-227.
- GRANT, Annie (1982) – The use of tooth wear as a guide to the age of domestic ungulates. In WILSON, Bob; GRINGSON, Caroline; PAYNE, Sebastian, eds – *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. British archaeological reports. Oxford. 109, pp. 91-108.
- MACEDO, Maria (1996) – Rei Dom Carlos. *Campanhas oceanográficas. Estudo das Coleções Malacológicas*. Lisboa. INAPA.
- PAYNE, Sebastian (1987) – Reference codes for wear states in the mandibular cheek teeth of sheep and goats. *Journal of Archaeological Science*. 14:6, pp. 609-614.
- MORENO-GARCÍA, Marta (2003) – Estudo dos restos faunísticos da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). In Gonçalves, Victor (ed.) – STAM-3. A Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 32, pp. 432-439.
- MORENO GARCÍA, Marta; SOUSA, Ana Catarina (2015) – Para além das muralhas, uma perspetiva dos recursos faunísticos no Calcolítico da Estremadura: o conjunto arqueofaunístico do Locus 5 do Penedo do Lexim (Maфра). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 18, pp. 101-124.
- ROCHA, António Santos (1907) – A Caverna da Fórnea. *Boletim da Sociedade Archaeologica Santos Rocha. Figueira*. Tomo I, nº5, pp. 146-149.
- ROWLEY-CONWY, Peter (1992) – The early Neolithic animal bones from Gruta do Caldeirão. In ZILHÃO, João ed. – *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 6, pp. 231-237.
- SANTOS, Ana Beatriz; PEREIRA, Álvaro; GOMES, Joana; MONTEIRO, Nuno; PIMENTA, João; MENDES, Henrique & DETRY, Cleia (in press) – Estudo Zooarqueológico do Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira, Portugal), In PIMENTA, Carlos & MORENO-GARCÍA, Marta (Eds.) – *O mundo animal na romanização da Península Ibérica / El mundo animal en la romanización de la Península Ibérica*. Actas do Encontro Ibérico realizado em Lisboa em 26 e 27 de Junho de 2015 no Auditório Manuel Valadares Museu Nacional de História Natural e da Ciência Laboratório de Arqueociências. Direção Geral do Património Cultural.

SCHMID, Elisabeth (1972) – *Atlas of animal bones for pre-historians, archaeologists, and Quaternary geologists*. Amsterdam, Elsevier Science Publishers.

VALENTE, Maria João (1997) – A quantificação faunística: principais unidades, alguns parâmetros, regras e problemas. *Estudos do Quaternário*. Lisboa. 1, pp. 83-96.

VALENTE, Maria João (2016) – Zooarqueologia do Neolítico do Sul de Portugal: passado, presente e futuro. In DINIZ, Mariana; NEVES, César; MARTINS, Andrea (coord.) – *O Neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: Perspectivas em debate*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. 2, pp. 87-108.

VALENZUELA-LAMAS, Sílvia (2014) – Mammal remains from the Governor's House (Belém Tower, Lisbon) and Rua dos Correiros (Baixa, Lisbon) in the context of fish processing factories in Lusitania. In DETRY, Cleia; DIAS, Rita (eds.) – *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*. Oxford: Archaeopress, pp. 57-68.

VALERA, António Carlos; LINO, André (2016/2017) – Aspectos da interacção transregional na Pré-história Recente do sudoeste Peninsular: interrogando as conchas e moluscos nos Perdígões. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, pp. 189-218.

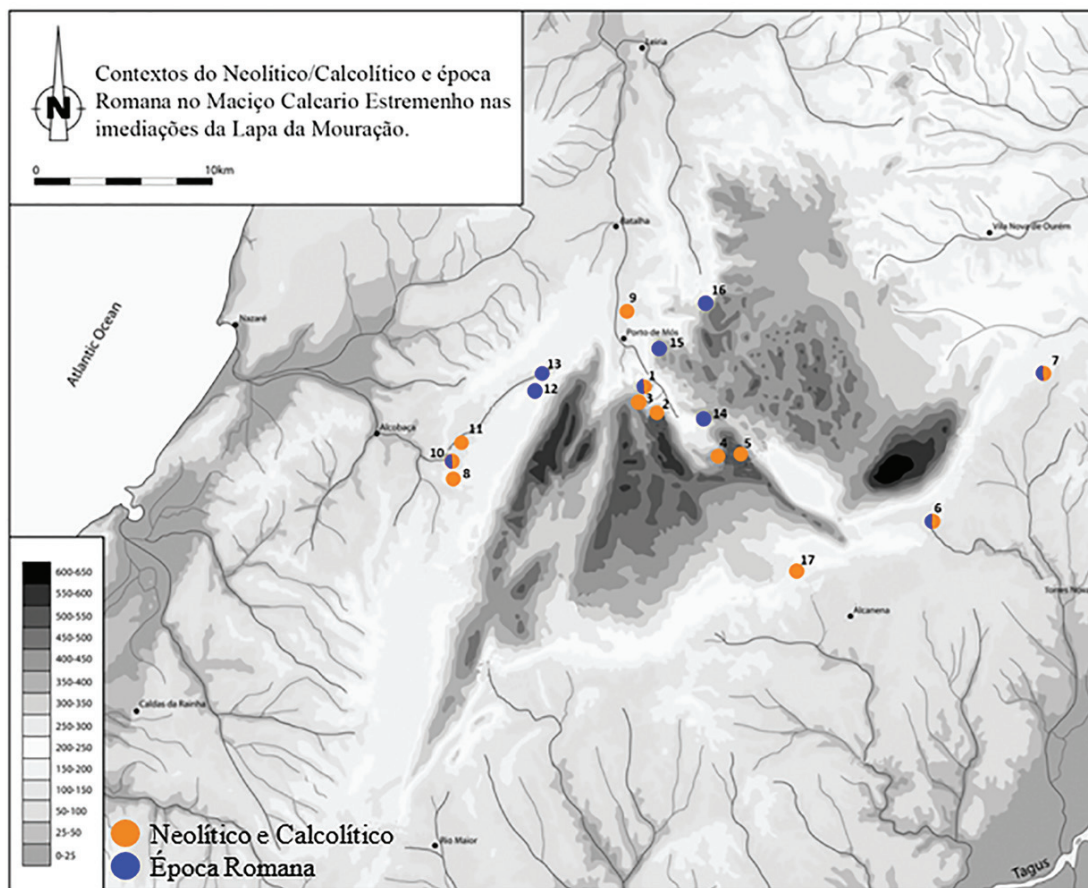


Figura 1 – Localização da Lapa da Mouração (1) no Maciço Calcário Estremenho e contexto arqueológico envolvente. **Legenda:** 2: Pragais (indeterminado); 3: Cova da Velha (gruta natural); 4: Covão do Poço (gruta natural); 5: Ventas do Diabo (gruta natural); 6: Gruta da Nascente do Almonda (gruta natural); 7: Buraca da Moura da Rexaldia (gruta natural); 8: Lagoa do Cão (gruta natural); 9: Freixo 3 (Vestígios); 10: Carvalhal de Aljubarrota (complexo de grutas naturais); 11: Cadoiço (gruta natural); 12: Cumeira de Baixo (habitat); 13: Cumeira de Cima (*pars rustica*); 14: Falsa de Alvados (*villae*); 15: Escorial (vestígios); 16: Fornecas (*villae*); 17: Casais da Mureta (gruta natural).

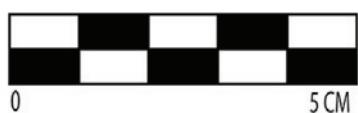


Figura 2 – Tibia de *cf. Rupicapra pyrenaica* recuperada na Lapa da Mouraço (1) e exemplar para comparação do Laboratório de arqueociências (2).

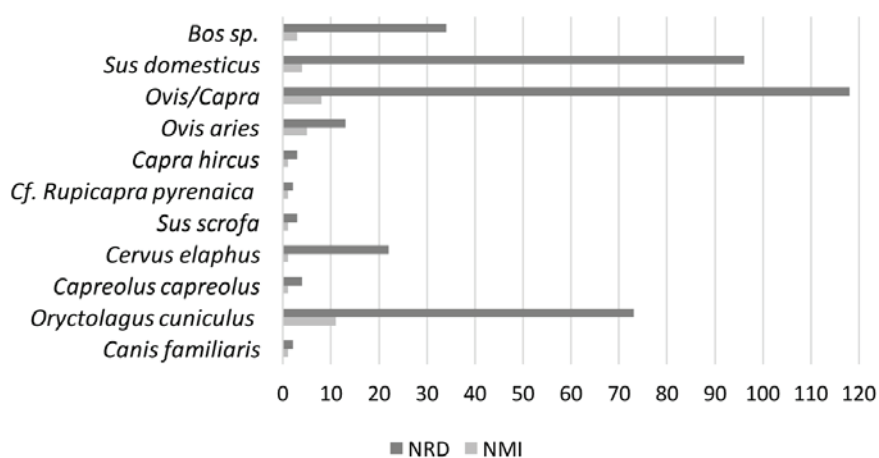
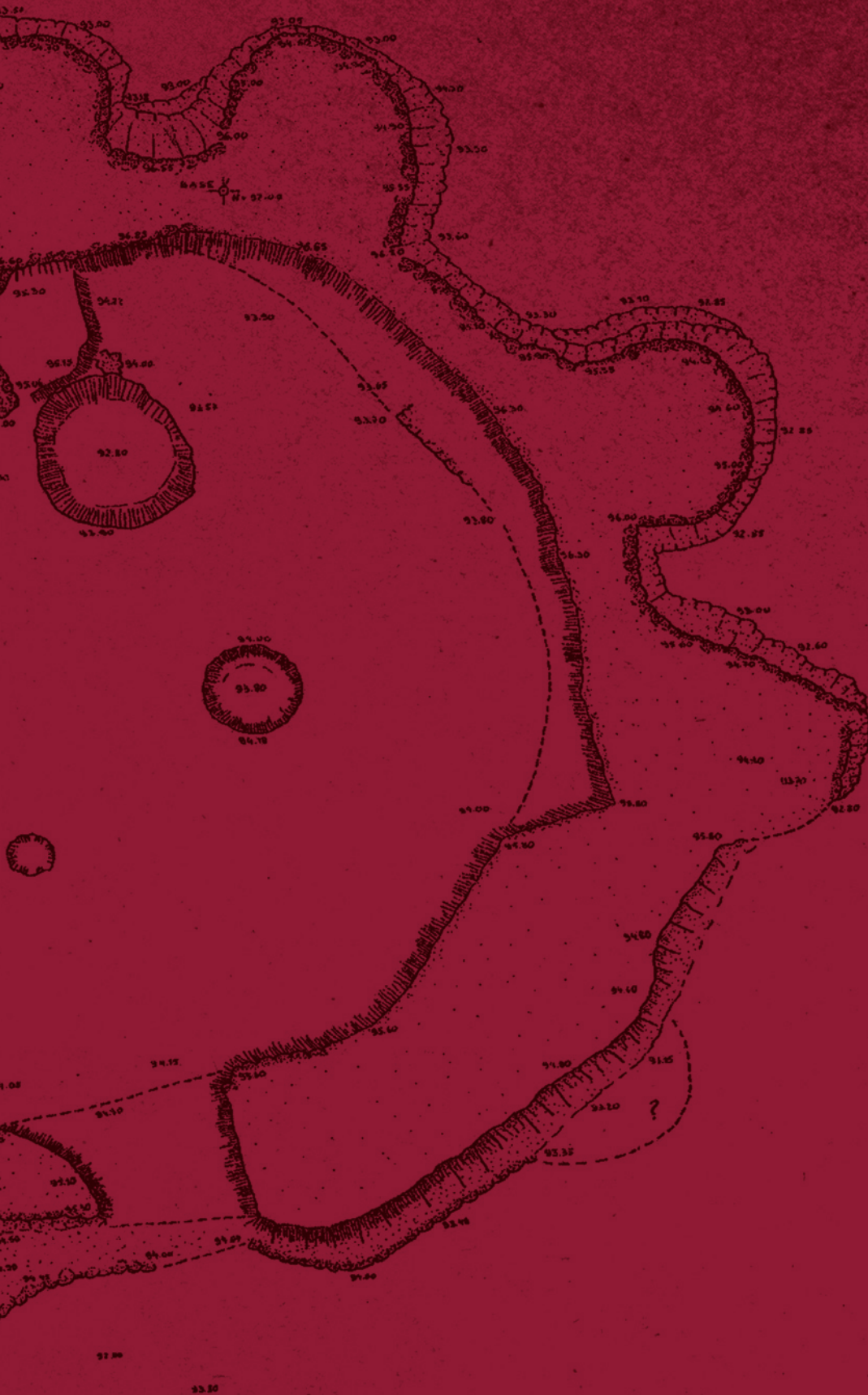


Gráfico 1 – Gráfico demonstrativo do Número de Restos Determinados (NRD) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI) por espécie, recuperados na Lapa da Mouraço.



Patrocinador oficial